

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS TRADUÇÃO ESPANHOL

PAULO UBIRATAN ARAUJO SOBRINHO

TRADUÇÃO E PSICANÁLISE: DIÁLOGO POSSÍVEL

Brasília - DF
2017

PAULO UBIRATAN ARAUJO SOBRINHO

TRADUÇÃO E PSICANÁLISE: DIÁLOGO POSSÍVEL

Monografia apresentada ao Curso de Letras Tradução Espanhol da Universidade de Brasília para obtenção de grau de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Alba Elena Escalante Alvarez

Brasília - DF
2017

PAULO UBIRATAN ARAUJO SOBRINHO

Folha de Aprovação:

TRADUÇÃO E PSICANÁLISE: DIÁLOGO POSSÍVEL

Monografia apresentada ao Curso de Letras Tradução Espanhol da Universidade de Brasília para obtenção de grau de Bacharel em Tradução.

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gleiton Malta

Prof. Me. Guilherme Henderson

Prof.^a Dr.^a Alba Elena Escalante Alvarez
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas que acompanharam todo meu crescimento, processo de estudo e de escrita deste trabalho.

Agradeço a oportunidade de poder discutir assuntos que me fazem querer seguir estudando cada vez mais.

Agradeço, especialmente, à Professora Doutora Alba Escalante por acreditar, incentivar, aconselhar, ajudar e por toda a disponibilidade e atenção que me foi dada. Obrigado, professora, por me ajudar a crescer como estudante e pesquisador.

RESUMO

Considerando a linguagem como elemento a partir do qual podemos estabelecer um diálogo entre a tradução e a psicanálise, este trabalho problematiza a experiência da linguagem em ambos os campos, utilizando de algumas propostas encontradas em Freud, Lacan e Pierce. Apresentamos aqui o resultado de uma pesquisa bibliográfica que tinha como objetivo traçar um mapa dos trabalhos realizados nas universidades brasileiras, no período de 2000 - 2016, que reuniam psicanálise e tradução. Foi realizada, a partir deste mapa, análises qualitativas, as quais permitiram estabelecer três categorias de trabalhos: psicanálise e desconstrução, tradução de textos psicanalíticos e discussão teórica entre os dois campos. Nesta última categoria incluímos o presente trabalhos.

Palavras chave: Tradução. Psicanálise. Experiência. Linguagem.

RESUMEN

Considerando al lenguaje como elemento a partir del cual podemos establecer un diálogo entre traducción y psicoanálisis, este trabajo problematiza la experiencia de lenguaje en ambos campos a partir de algunas propuestas localizadas en Freud, Lacan y Pierce. Se presenta el resultado de una investigación bibliográfica cuyo objetivo fue realizar un mapa de los trabajos realizados en universidades brasileñas, en el período 2000 – 2016, que reunían psicoanálisis y traducción en sus propuestas. El análisis cualitativo permitió establecer tres categorías: psicoanálisis y desconstrucción, traducción de textos psicoanalíticos y discusión teórica enlazando los dos campos. En esta última categoría puede incluirse el presente trabajo.

Palabras clave: Traducción. Psicoanálisis. Experiencia. Lenguaje.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TRADUÇÃO E PSICANÁLISE	12
2.1 Psicanálise e Linguística	12
2.2 Psicanálise e experiência.....	17
2.3 Tradução e experiência.....	19
3 PANORAMA DAS PESQUISAS NO BRASIL NO PERÍODO 2000-2016	21
3.1 Uma busca pelo estado da arte	21
3.1.1 Metodologia do trabalho	23
3.1.2 Análise quantitativa dos dados	25
3.2 Análise qualitativa dos dados	27
3.2.1 Proposta de agrupamento dos trabalhos	27
3.2.2 O termo “tradução” como metáfora.....	29
3.2.3 Psicanálise na Universidade.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE A - Agrupamento dos trabalhos a partir da leitura dos resumos	35
ANEXO A - Tabela produzida na pesquisa “Tradução e Psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000 – 2016”	37

1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de conclusão de curso que tem como proposta discutir uma das diversas possíveis relações interdisciplinares que a Tradução pode fazer. Neste caso, faremos propomos uma relação com a psicanálise, pois esta foi erguida no diálogo com diversos saberes e a interdisciplinaridade é uma característica inerente à tradução. Com isso em mente, e como foi dito, neste trabalho discutimos a articulação entre estes campos.

Em primeiro lugar, é importante relatar uma experiência que tivemos anteriormente. O trabalho *Tradução e Psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000 – 2016*, fruto de uma experiência no projeto de iniciação científica, propõem uma aproximação do estado da arte entre a tradução e a psicanálise. A ideia desse trabalho foi apontar que os dois campos trabalhados se conversão e podem, de alguma maneira, contribuir um para o outro. A partir de uma busca sistemática do material acadêmico que tratava da relação buscada, criamos um *corpus* dos trabalhos acadêmicos que tratavam da tradução e da psicanálise, os quais foram publicados entre os anos de 2000 e 2016, e fizemos análises quantitativas com base no material catalogado.

A partir do levantamento da experiência anterior, questionamentos foram se formam e, a partir destes, algumas reflexões foram originando-se. Um dos pontos de consonância entre a tradução e a psicanálise é a consubstancialidade linguageira que os campos apresentam (retomamos este ponto mais adiante no trabalho). Assim como na tradução, a psicanálise utiliza a linguagem para propor discussões teóricas e fomentar a prática do ofício. A partir do entendimento dos conceitos linguísticos em Freud e Lacan, é possível entender um dos caminhos que apresentam essa consonância entre os campos.

Com base nisso, apontamos que neste trabalho temos dois objetivos. O primeiro é discutir as questões sobre a linguagem como confluência entre as duas áreas, propondo questões e reflexões teóricas. O segundo é um retorno ao trabalho realizado na iniciação científica (trabalho citado anteriormente), a ideia é propor novas análises sobre o *corpus*.

Ademais desses objetivos, a proposta deste trabalho está motivada pelo interesse de somar, ao que já se conhece sobre esta articulação da tradução com a psicanálise, contribuindo, assim, para este diálogo e ressaltando a importância da visão interdisciplinar nos campos, pois, dessa maneira, questões são levantadas e, com elas, novas indagações podem surgir.

Este trabalho está estruturado em 3 capítulos. O primeiro capítulo é referente as reflexões teóricas sobre a tradução e a psicanálise, apontando a linguagem como um ponto de convergência entre os dois campos. O segundo é um retorno ao trabalho *Tradução e Psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000 – 2016*, sendo assim, explicamos o que foi feito e apresentamos novas propostas de análises qualitativas sobre o material catalogado. E, por fim, nas conclusões finais relatamos algumas indagações que este Trabalho de Conclusão de Curso nos apontou.

2 TRADUÇÃO E PSICANÁLISE

É indiscutível a relação entre a psicanálise e a linguagem, pois a psicanálise utiliza-se desta como matéria prima para o seu trabalho. A tradução, assim como a psicanálise, tem uma relação direta com a linguagem, utilizando-a, também, como base de sua atividade. Assim, pode-se dizer que estas duas áreas apresentam uma relação consubstancial, ou seja, uma relação com uma substância comum, a substância linguageira¹.

A partir de teorizações da linguística, podemos trazer questões sobre a linguagem para sublinhar a convergência entre estas duas áreas. Claro que a questão linguageira não é o único ponto em comum entre as áreas citadas, mas, o que defendemos aqui, é que ela é o ponto de partida desta consonância. Para tratar desta questão, inicialmente discutiremos como Freud trava a linguagem em seus trabalhos e, logo, como Lacan o fez.

2.1 Psicanálise e Linguística

No artigo “Freud e a linguagem”, Santos (2012) apresenta as abordagens que o fundador da psicanálise faz perante a linguagem, usando a psicanálise como lente para este olhar. Segundo o autor, em um de seus trabalhos Freud descreve a representação que um indivíduo possui de uma palavra, conceito que é denominado como representação verbal. Santos afirma:

Para ele, a representação verbal seria composta pelo som, e é preciso notar que toda palavra possui algum tipo de som; pelos elementos gráficos, a forma como a palavra é escrita; pela imagem mental, toda palavra possui uma forma de ser escrita, e, por isso, cria-se na mente humana uma imagem; e, por último, pela imagem psíquica, ou seja, as consequências psicológicas que a palavra acarreta para o indivíduo (2012, p. 147).

¹ *Substância linguageira* é a maneira como estamos chamando a linguagem, a substância comum que as duas áreas utilizam como matéria prima da sua teoria e de sua prática, é a qualificação da porção do objeto base.

Ao ler esta citação logo lembramos do conceito de Signo em Saussure (1916), representado pelo binômio significado (parte material do signo) e significante (imagem acústica, é a parte abstrata, psíquica do signo). E o outro é o conceito da palavra, a parte material, o som e a escrita. Como dito anteriormente, essa ideia pode ser visto em Freud, já que acredita que o inconsciente é traduzido para o consciente em forma de linguagem (TAVARES, 2013). Porém, ainda que possamos remeter os estudos de Freud aos conceitos elucidados por Saussure, não existe evidências de que Freud teria conhecimento sobre a linguística Saussuriana. Os dois eram contemporâneos, viviam em regiões próximas, mas o Curso de Linguística Geral foi escrito em 1916, depois da morte de Saussure. Nesta data, Freud já havia publicado trabalhos que tratavam sobre a linguagem no inconsciente.

Foi Lacan, com sua constante revisita a Freud e seu constante estudo interdisciplinar, quem relacionou, diretamente, os conceitos Saussurianos com a psicanálise. A relação da linguística com a psicanálise fica ainda mais evidente em Lacan, pois este apresenta o axioma de que o inconsciente é estruturado na linguagem. Segundo Machado (2015), Lacan apoia-se em Saussure e em Benveniste para legitimar a pertinência de termos como significante, significado, discurso, significação e semântica para a situação analítica. Machado (2011), em seu trabalho *Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística e psicanálise*, ressalta que Lacan, no escrito *A instância da letra no inconsciente*, utiliza o termo “a trilogia do significante” para referir-se a 3 trabalhos de Freud que abordam, predominantemente, da estrutura da palavra no inconsciente e como esta provoca efeitos sobre o sujeito. De acordo com Santos (2012), para Freud “a linguagem é a morada da dubiedade, ou seja, por meio da linguagem, o sujeito, o portador da língua, pode expressar algo que para ele é consciente, mas que, sem perceber, traz fortes elementos que estão no inconsciente” (Santos, 2012, p. 147). Machado (2011), ressaltando a questão da importância da linguística em Freud, relata que a própria estrutura da palavra no inconsciente é o fator que gera efeitos distintos sobre o sujeito (sonhos, sintomas, atos falhos e chistes) e estes configuram a formação clássica do inconsciente.

A tríade de trabalhos freudianos citada é composta pelos trabalhos: *A Interpretação dos Sonhos*; *A Psicopatologia da vida Cotidiana*; e *Os Chistes e suas relações com o Inconsciente*. Machado ressalta:

Essa tríade de textos pode ser encarada como a linguística e a “teoria discursiva” de Freud, apresentando uma infinidade de exemplos retirados do cotidiano, de como o

sujeito é afetado pela linguagem em período integral e de como operam as associações linguísticas no inconsciente através de homônimas, associações, homofonias e aglutinações de sílabas (2011, p. 272).

Em um dos três pilares dessa “teoria discursiva”, mais especificamente no livro *A interpretação dos Sonhos*, dois processos criados por Freud merecem ser destacados: a condensação e o deslocamento. Mais tarde, Roman Jakobson se referenciou a estes conceitos quando desenvolvia sua técnica de análise do discurso, utilizando-se, com base neles, da metáfora e da metonímia. Para Oliveira (2012)

a condensação é um mecanismo inconsciente pelo qual as palavras e as imagens referentes aos conteúdos latente e manifesto são comprimidas, criando novas ideias das coisas. Deslocamento, por sua vez, é o mecanismo pelo qual os afetos são ligados a diferentes ideias que não são as ideias que lhe deram origem, mas estão associadas a elas de alguma forma (2012, p. 111).

Jakobson trata da questão metáfora e metonímia no artigo *Dois Aspectos da Linguagem e dois Tipos de Afasia*, no qual ele diz que o processo da metáfora se dá por meio da substituição, da similaridade, e o processo da metonímia pela contiguidade. Oliveira (2012) ressalta que a análise proposta por Jakobson é realizada no campo semântico, deixando de lado o discurso produzido por associação livre, diferenciando da abordagem proposta por Lacan, que se preocupou com a articulação do discurso em forma de fala, discurso oral, apontando as expressões do inconsciente que aparecem.

Lacan absorve estes conceitos e os aplica à questão do inconsciente. De acordo com Oliveira (2012), para o famoso psicanalista francês a metáfora é um processo de seleção vertical, que cria novas palavras em determinado momento do tempo, ou seja, em uma dimensão sincrônica. A metonímia é um processo horizontal de combinação de palavras, em uma dimensão diacrônica. Sendo assim, estes processos são constantemente utilizados no discurso seja ele qual for, a final, o discurso é feito com base na linguagem.

Isso nos leva ao axioma que mencionamos acima: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Martínez (2017) na videoaula intitulada *¿Cómo operamos con el material de la sesión?* faz uma proposta de caminho para chegarmos ao entendimento desta frase de Lacan, a proposta é que se o inconsciente tem estrutura de linguagem, então, se analisarmos qual é a estrutura da linguagem poderemos entender qual é a ideia de inconsciente que propõem Lacan.

Severo (2013) ressalta que para Saussure a linguagem é uma faculdade que a natureza nos dá, sendo que esta é expressa pela língua, permitindo o exercício da linguagem. Mais à frente, o autor cita Benveniste² que segue premissa de Saussure, mas propõe que a língua, a forma prática da linguagem, organiza o pensamento, dando forma ao que não está formado, pois sem a língua o pensamento é só uma volição obscura. Ou seja, o pensamento está desorganizado e com a expressão prática da linguagem, a língua, pode-se produzir discursos.

Será que podemos dizer que o que Benveniste chama de volição obscura, que é o pensamento sem a língua, Lacan chama de inconsciente? E se isso for possível, podemos dizer que cada língua contribui de forma diferentes para a expressão do pensamento, ou expressão do inconsciente, de cada indivíduo? Afinal, de acordo com a Hipótese de Sapir-Whorf, que foi proposta em 1930, a linguagem é por onde a percepção de cada indivíduo é filtrada, diferenciando os modos de pensamento de acordo com sua expressão, a língua.

Wanner (2010) em sua reflexão sobre a filosofia de Pierce também aborda conceitos que devem ser levados em conta para a nossa discussão. Em primeiro lugar, o autor articula sobre a fenomenologia em Pierce, retratando que o papel dessa é:

Proporcionar o fundamento de observação à lógica e à metafísica, posto que elas estão relacionadas à experiência com o que se exterioriza, ou seja, como o ser humano vai reagir diante do real, o que, por sua vez, se dá por meio da mediação dos signos. (...) O real é tudo aquilo que se exterioriza, que aparece e se coloca à experiência (WANNER, 2010, p. 29).

A partir do conceito citado, Pierce apresenta três categorias, são elas: primeiridade, segundidade e terceiridade. Wanner (2010) ressalta que nestas categorias vemos tudo que nos afeta, seja fisicamente, seja emocionalmente e intelectualmente, ou o que vemos, percebemos e aprendemos. Conceitua ainda que, com essas categorias, temos três elementos formais de toda e qualquer experiência, sendo a primeiridade como a qualidade da consciência imediata, é uma impressão invisível, não analisável, frágil; a segundidade é a arena da existência cotidiana, é o factível, o real, o que não cede ao sabor de nossas fantasias; e a terceiridade é a camada de inteligibilidade, o pensamento em signos, por meio dessa representamos e

² É importante dizer que Benveniste utiliza-se das categorias de Aristóteles para discutir as categorias do pensamento. Ressalto que essa é a visão tradicional ocidental e, nesse sentido, desconhecemos quase seriam as categorias de outras cosmovisões.

interpretamos o mundo. Essas categorias são expressas a partir da análise da experiência, apontando como se dá o processo semiótico.

Chamo atenção para a terceiridade, categoria que apresenta o real por mediação do signo, o pensamento em signos. Santaella (1990) em seu livro *O que é semiótica* afirma que:

Em síntese: compreender, interpretar é traduzir um pensamento em outro pensamento num movimento ininterrupto, pois só podemos pensar um pensamento em outro pensamento. É porque o signo está numa relação a três termos que sua ação pode ser bilateral: de um lado, representa o que está fora dele, seu objeto, e de outro lado, dirige-se para alguém em cuja mente se processará sua remessa para um outro signo ou pensamento onde seu sentido se traduz. E esse sentido, para ser interpretado tem de ser traduzido em outro signo, e assim ad infinitum. (...) O significado, portanto, é aquilo que se desloca e se esquia incessantemente. O significado de um pensamento ou signo é um outro pensamento (1990, p. 32).

Pensando nisso, podemos dizer que tudo que nos rodeia é signo, nós somos signo. Qual é a consequência disso? Em primeiro lugar, temos como princípio a ideia de relação, isto é, só podemos falar de signo em função de outro signo. Em segundo lugar, o que se apresenta como existência é um processo dinâmico de semiose infinita. A experiência é pautada pelas relações da cadeia semiótica, seja na visão empírica ou seja na visão racionalista. De acordo com McNabb (2014) Peirce chama o processo de relação dos signos de semiose.

Sendo assim, para entender a semiose é importante entender o que Peirce articula sobre o signo em si. Wanner (2010) atenta que para Peirce signo é tudo aquilo que sob determinado aspecto, ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. A noção de signo em Peirce é estruturada em uma relação triádica: signo-objeto-interpretante, sendo esta a determinação de semiose. McNabb (2014) traz uma explicação didática de como acontece a relação entre o signo, o objeto e o interpretante. Ele aponta que a relação entre estes se configura da seguinte forma: algo se encontra apto para ser signo de um objeto, para representá-lo, este signo só consegue representar o objeto quando produz um interpretante. Por sua vez, o interpretante pode se tornar signo de um objeto e, dessa maneira, produzir um novo interpretante. Essa cadeia, como já dito antes, é chamada de semiose infinita. Nessa perspectiva, nos achamos perante um mundo que se realiza pelas relações de seus elementos, e não de uma ontologia ou algo parecido. Além disso, o ponto de partida, nunca é uma coisa, mas algo em potencial. Santaella (1990) ressalta que a semiótica é a ciência geral de todas as

linguagens, sendo assim, a ideia de relação entre signo, objeto e interpretante constitui o tripé de todas as linguagens e, nesse sentido, poderíamos entendê-lo como sua estrutura básica.

Tendo em vista que essa relação triádica é a estrutura de todas as linguagens, e se lembrarmos do axioma proposto por Lacan sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem, o que constitui uma invariante na sua teoria, caberia considerar que o signo de Pierce aponta à estrutura do inconsciente?

Não é a nossa intenção responder essa questão, mas apenas sugerir a necessidade de renovar o axioma para que ele não perca a sua potência. No seminário sobre as psicoses, Lacan é muito claro ao apontar a importância da noção de estrutura: “A estrutura é em primeiro lugar um grupo de elementos formando um conjunto covariante” e esclarece que se trata de “um *conjunto*, e não de uma *totalidade*” (LACAN, 1988, p. 214-215). Tal ideia é inseparável da sua noção de significante, o que situa a psicanálise num campo distinto das ciências naturais (idem. *Ibidem*). Embora não seja pertinente afirmar categoricamente que a semiótica peirceana corresponde à estrutura lacaniana do inconsciente, temos dois indícios que poderiam sugerir essa aproximação. O primeiro consiste em lembrar o vínculo do desenvolvimento de Jakobson, interlocutor de Lacan, com Pierce, tal e como mostra James Jákob Liska (2002), e o segundo indício é possível pela consulta do levantamento cartográfico que Diana Estrin (2002) faz dos nomes próprios que Lacan menciona ao longo do seu ensino oral. Estrin registra a menção de Charles Sanders Pierce em 14 oportunidades. Pensando em tudo que foi apresentado, podemos afirmar que a relação da psicanálise com a linguagem é, no mínimo, íntima, pois é nela que está a possibilidade de acesso ao real. Pensamento e linguagem na sua consubstancialidade acendem a luz da experiência. Ou seja, sem a linguagem nada existe.

2.2 Psicanálise e experiência

Acredito que é importante iniciar com o conceito de obstáculo epistemológico proposto por Bachelard (2005). Para o autor, é no ato de conhecer que aparece a lentidão e o conflito, que é a partir daí que aparece a estagnação e até a regressão epistemológica. O obstáculo epistemológico é o produto conhecimento, mas a causa da dificuldade de adquirir novos saberes.

Psicanálise não só é uma prática clínica, mas também um local de discussão. Da mesma forma que a tradução, a psicanálise é um lugar propício para praticar a dialética, a construção de novas ideias e premissas, criando e superando novos obstáculos epistemológicos.

Escalante (2017) ressalta que a psicanálise só é possível se a pensarmos como experiência de linguagem.

A psicanálise só é possível se a pensarmos como experiência da linguagem; trata-se de uma experiência de linguagem, ocidental, carregada com séculos de história, a qual, quase sempre, apresenta ideias latentes. A tradução [...] supõe uma carga similar. A linguagem seria a materialidade..(2017, p. 236)³.

Lacan, de acordo com Escalante (2017), aponta que a essência da teoria psicanalítica está em um discurso sem palavras, ou seja, a formação matematizada dos discursos é um trabalho de redução e de esvaziamento do sentido estável e consensual, que dá lugar a singularidade do caso por caso.

Utilizando os vocábulos alemães *Erlebnis* (a consciência do vivenciado) e *Erfahrung* (o que se pode compreender de algo novo) a autora abre uma discussão sobre o que significa a experiência. Seria o que já conhecemos, o que já vivemos? Ou o que acontece de novo, o que poderemos vir a viver? Citando Berman, relata que este autor coloca a psicanálise junto com a filosofia como um dos discursos de experiência da tradução. Em seguida, aponta que Lacan, diferentemente de Berman, separa a filosofia da psicanálise.

Podemos ler nestes autores dois horizontes para tratar do tema da experiência: em Lacan a ciência e em Berman a filosofia. Porém, em ambos os casos, parecem indicar que a experiência que pode ser formulada a partir dos campos leva em conta os resquícios deixados pela filosofia em nosso pensamento. (ESCALANTE, 2017, p. 239)⁴.

A filosofia busca a sabedoria do ser, na qual o real é importante. Os dois autores franceses alguns neologismos ao redor do verbo *être*, que em português, e em espanhol, pode-se traduzir como *ser*. A autora acrescenta que Berman aponta à *letra* como saber

³ A citação foi traduzida pelo autor deste trabalho, segue citação original: El psicoanálisis sólo es posible si lo pensamos como experiencia de lenguaje; se trata de una experiencia de lenguaje, occidental, cargada con siglos de historia, en la que pululan ideas casi siempre latentes. La traducción [...] supone una carga similar. El lenguaje sería la materialidad.

⁴ A citação foi traduzida pelo autor deste trabalho, segue citação original: Podemos leer en estos autores dos horizontes para tratar el tema de la experiencia: en Lacan la ciencia y en Berman la filosofía. Sin embargo, ambos casos, parecen indicar que la experiencia que podemos formular a partir de estos dos campos supone considerar el rastro dejado por la filosofía en nuestro pensamiento.

indispensável para a tradução e Lacan o saber do inconsciente que aponta para *a letra* do inconsciente em instância. Os dois caminhos confluem para a ideia do ser.

No meio do impasse que esta discussão coloca, na sua tentativa de levantar uma possibilidade de pensar a experiência de transmissão atrelada a esses campos, Escalante (2017) recorre a Eidelsztein:

Na prática analítica, desêtre indica, em especial, a posição do analista [...] o psicanalista é uma função cuja a própria natureza em si mesma é um desêtre [...] o psicanalista se oferece, diferentemente do psicólogo, não como um mediador experiente da realidade, mas como um mero suporte transitório do desêtre, isto na medida que somente lê a letra do inconsciente sem aplicar o que ele próprio, seu eu, sabe ou pensa. Nada da experiência pessoal do analista pode ser considerada para o exercício da sua função, nem mesmo sua própria análise. (EIDELSZTEIN, 2015, p. 198)⁵.

Com base nesta ideia, Escalante traz uma questão. Caberia pensar a experiência de tradução *à letra* que propõe Berman como uma (des)leitura, (des)escrita, (des)ser da experiência de tradução? Essa questão é pertinente e aponta para um novo caminho de relação entre tradução e psicanálise, tendo em vista que com isso podemos pensar o tradutor já não apenas como pessoa que traduz, mas como função, tal e como se espera do analista e, nesse sentido, fazer vigorar o combate ao etnocentrismo proposto por Berman.

2.3 Tradução e experiência

Tavares (2013) no prefácio do livro *Tradução e psicanálise* ressalta que na obra *A interpretação dos sonhos* de Sigmund Freud, pode-se intuir a evidente conexão entre o trabalho analítico e o fazer tradutório, vemos isto quando Freud usa a metáfora que o analista “traduz” as linguagens do inconsciente para o consciente. Assim como Freud, o termo tradução, e seus derivados, aparecem em trabalhos atuais, sendo que os autores, mimetizando o pai da psicanálise, apresentam o termo de forma metafórica.

⁵ A citação foi traduzida pelo autor deste trabalho, segue citação original: En la práctica analítica, desêtre indica, en especial, la posición del analista [...] el psicoanalista es una función cuya naturaleza misma es la de un desêtre [...] El psicoanalista se ofrece —a diferencia del psicólogo—, no como mediador experimentado de la realidad, sino como un mero soporte transitorio del desêtre, en la medida en que solo lee la letra del inconsciente sin aplicar lo que él —su yo— sabe o piensa; es quien debe sostener: Eso habla y piensa. Nada de la experiencia de la persona del analista puede, entonces, ser considerada para el ejercicio de su función, ni siquiera su propio análisis

Porém, existem trabalhos que utilizam o termo tradução referindo-se aos Estudos da Tradução. Berman em *Tradução e seus discursos* (2009) apresenta a psicanálise como um dos discursos da tradução, o discurso da experiência:

O segundo é o da psicanálise. Ele é duplamente relacionado à tradução. Primeiro, porque está ligado a um texto fundador, o de Freud, cujo "destino da tradução" causa problema. Depois, porque o próprio Freud, algumas vezes, definiu em termos de tradução, de Übertragung, de transferência, que significa também "tradução" em alemão. Não há nem "psicanálise da tradução" nem "teoria psicanalítica" da mesma, mas um corpus crescente de reflexões tentando aprofundar a ligação de essência da psicanálise com o traduzir no âmbito de toda uma meditação sobre o sujeito, o inconsciente, a língua e a letra. Esse corpus não pode ser ignorado, mesmo que seu desenvolvimento não seja nada além do que a obra de solitários psicanalistas (BERMAN, 2009, p. 6).

É interessante entender que Berman ressalta que não há "psicanálise da tradução" nem "teoria psicanalítica" da tradução, mas a tradução como um caminho para discussão das questões do pensamento psicanalítico e a psicanálise como caminho para discussões do pensamento tradutológico. Sendo assim, a Tradutologia, ainda segundo Berman (2009), é a reflexão da tradução sobre ela mesma, a partir de sua natureza de experiência. Ele aponta que a partir do resultado do exercício de voltar à experiência, a partir da própria experiência, temos a reflexão, sendo esta que importa para o tradutólogo, pois este pretende retomar a experiência que é a tradução. A ideia não é criar postulados categóricos para analisar, descrever ou reger a tradução, mas entender que o processo de tradução em si já provoca a reflexão, tendo em vista que a própria atividade já é pautada na reflexão da experiência sobre a experiência de um novo discurso.

3 PANORAMA DAS PESQUISAS NO BRASIL NO PERÍODO 2000-2016

A tentativa de articulação relatada até o momento nasce de uma fase prévia que, por sua vez, esteve diretamente inspirada em propostas de vários pesquisadores, em especial Pagano e Vasconcellos (2003), pois foi feita uma busca para traçar um estado da arte da interface tradução e psicanálise para mostrar as coordenadas de pesquisa que se desenvolvem dentro dos Estudos da Tradução. O trabalho feito por mim e intitulado *Tradução e Psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000 – 2016* foi o resultado de um projeto de iniciação científica que consistia na construção de um catálogo de propostas que estabeleçam um diálogo entre tradução e psicanálise. Esse catálogo gerou um *corpus* em formato de tabela e na apresentação de uma espécie de retrato de como se reuniam em diversas propostas estes campos. Sendo assim, ressalto que este trabalho está organizado a partir de uma lógica própria e não a partir da cronologia. Optou-se por primeiro propor um diálogo teórico e, a partir dessa reflexão, retomar o levantamento feito no projeto de iniciação científica, dando uma nova volta e apresentando aspectos da análise que não entraram na pesquisa, seja porque ultrapassava o escopo proposto ou porque os frutos de uma pesquisa não são colhidos de uma vez só.

3.1 Uma busca pelo estado da arte

Tradução e psicanálise são campos muito amplos que possuem cada um as suas especificidades. No entanto, pode-se verificar que existe uma série de estudos que, de forma mais ou menos direta, os articulam. Não é novidade o entendimento da interdisciplinaridade inerente aos Estudos da Tradução, sendo tal traço constitutivo do campo e do ofício. Por sua vez, a psicanálise foi erguida no diálogo com diversos saberes. Eis por que a riqueza dessa reunião possui contornos ainda inexplorados.

O trabalho, *Tradução e Psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000 – 2016* busca traçar um estado da arte da interface tradução e psicanálise. Trata-se de

uma aproximação porque a pretensão não foi mapear integralmente todos os estudos, mas tão somente trazer um registro provisório de como são reunidos estes campos.

O trabalho foi motivado por alguns fatores: o primeiro deles é o centenário da obra “A interpretação dos sonhos”, de Sigmund Freud (1900), marco inaugural da Psicanálise. O segundo fator motivador é a entrada em domínio público, no ano de 2009, das obras do pai da Psicanálise. Esse fato é de particular relevância no Brasil, já que esse período corresponde com a aparição de vários projetos simultâneos de retradução da obra freudiana diretos do alemão. Se considerarmos a tradução como lócus propício para a discussão de diversos temas, dado que essa tarefa permite revelar aspectos que na escrita direta aparecem velados (BORGES, 1966, p. 94), o contexto de retraduições da obra freudiana supõe um momento vigoroso das discussões entre esses campos.

Para que fique claro como a pesquisa foi realizada é importante definir o que se entende por estado da arte. De acordo com Ferreira (2002, p. 258), pode-se definir dessa maneira aquelas pesquisas que têm natureza bibliográfica e que trazem o desafio de mapear e de discutir certa produção acadêmica, em qualquer que seja o campo. Estas pesquisas tentam responder quais são os aspectos e as dimensões de conhecimento em destaque, e de que forma e em que condições os trabalhos científicos são produzidos, sejam elas monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

A partir dessa ideia sobre o estado da arte, elaboramos o objetivo da pesquisa. Sendo que, o objetivo foi: averiguar, por meio de uma revisão bibliográfica e análise do material encontrado, como tradução e psicanálise estão reunidas no âmbito acadêmico brasileiro no período de 2000 até 2016.

Para realizar a busca do material, foram utilizadas duas ferramentas on-line: o Portal de periódicos da Capes e o Google Acadêmico. A escolha destas ferramentas obedeceu à facilidade de acesso e ao fato de responderem aos critérios estabelecidos, os quais serão enumerados em seguida. Ressalta-se que estas ferramentas de busca são dois grandes bancos de dados que, por serem alimentados amplamente, proporcionam uma quantidade substancial de informações.

3.1.1 Metodologia do trabalho

Com o intuito de otimizar a localização das publicações no Portal de Periódicos da Capes, foi realizado um treinamento on-line fornecido pela própria instituição. Este treinamento visa qualificar todos os usuários, graduandos ou pós-graduandos, a fazer um uso mais efetivo da ferramenta. A partir dos conhecimentos adquiridos no curso e do objetivo da pesquisa, a seleção do material foi estabelecida em função de dois critérios iniciais: A publicação deveria ser originada no Brasil ou elaborada com alguma colaboração de estudiosos e/ou universidades brasileiras; e a publicação deveria ter sido realizada no intervalo entre o ano 2000 e o ano de 2016.

O primeiro critério de busca foi motivado pela necessidade de se estabelecer um recorte territorial, privilegiando o ambiente acadêmico brasileiro. O segundo se justifica pela importância de trabalhar com um corte diacrônico para circunscrever a pesquisa. Por sua vez, a escolha desse extenso intervalo temporal se explicou por fatores mencionados anteriormente e que estão atrelados ao contexto em que se realizou o nosso trabalho: a entrada em domínio público das obras de Freud e as possibilidades de renovação do debate que vincula a tradução e a psicanálise nesse contexto.

Para realizar a busca dos materiais nos bancos de dados on-line, seguimos as sugestões retiradas do trabalho de Pagano e Vasconcellos (2003), apresentamos propostas de combinações de palavras chave que sugerissem a presença dos dois campos nas publicações, tais como: Tradução, psicanálise, Freud; tradução, psicanálise, Lacan; tradução, alteridade, psicanálise. Ademais desta estratégia, definimos critérios específicos para validar os trabalhos, verificando se de fato tratavam da interlocução que buscávamos. Estes critérios eram relacionados às características do material encontrado, eram verificados os seguintes fatores: título da publicação, com o intuito de entender qual era o conteúdo do material; as referências bibliográficas, buscando teóricos e estudos nas duas áreas (tradução e psicanálise); e a frequência de palavras no material encontrado, verificando quantas vezes, e em qual sentido, as palavras “tradução”, e suas derivações (tradutor, retradução, traduzibilidade etc.), e “psicanálise”, e suas derivações (psicanalista, psicanalítico etc.), apareciam.

Depois da catalogação do material foi criado um *corpus* próprio, sistematizando todas as características dos trabalhos encontrados. A partir disto, foi elaborada uma tabela, formando uma espécie de sumário explicativo do *corpus*. Esta tabela foi estruturada exibindo no cabeçalho seguintes critérios:

1) título da publicação; 2) autor da obra; 3) palavras-chave da obra; 4) data de publicação da obra; 5) vinculação da obra (periódico, universidade, instituição de pesquisa etc.); 6) palavras-chave utilizadas para encontrar a obra; 7) região brasileira na qual o trabalho foi publicado; e 8) frequência do uso das palavras “tradução” e “psicanálise”.

Com o oitavo critério, a frequência de palavras, foi possível visualizar em que contexto o termo “tradução” ou o termo “psicanálise” eram apresentados. Alguns trabalhos apresentavam o termo “tradução” de forma metafórica, fato que já era esperado por conta do uso deste termo por Freud. Porém alguns deles só utilizavam o termo desta maneira e, sendo assim, foram retirados do escopo da pesquisa.

Outro ponto que deve ser destacado na construção da tabela é que a coluna vinculação foi aproveitada em outro sentido. Fizemos uma sinalização por cor: verde, azul ou amarelo. Caso a sinalização esteja em verde, sabe-se que o trabalho estaria inserido na macroárea de estudos de letras. Caso a sinalização esteja em azul, sabe-se que a vinculação da obra é relacionada com a macroárea de estudo em psicologia. E, caso a sinalização esteja em amarelo, a vinculação indicativa refere outra área do conhecimento. Com este recurso os trabalhos ficaram categorizados por Área de Conhecimento, seguindo o critério da Capes⁶. É importante esclarecer que essa instituição utiliza tal classificação para fins pragmáticos, com a finalidade de proporcionar uma maneira mais ágil e funcional de sistematizar as informações sobre os projetos de pesquisa das instituições de ensino e pesquisa. As Áreas do conhecimento são hierarquizadas em quatro níveis, do mais abrangente ao mais específico, sendo nove grandes áreas. A tradução, por exemplo, está inserida na grande área de Linguística, Letras e Artes. Esse recurso nos ajudou a levantar questões sobre o material encontrado.

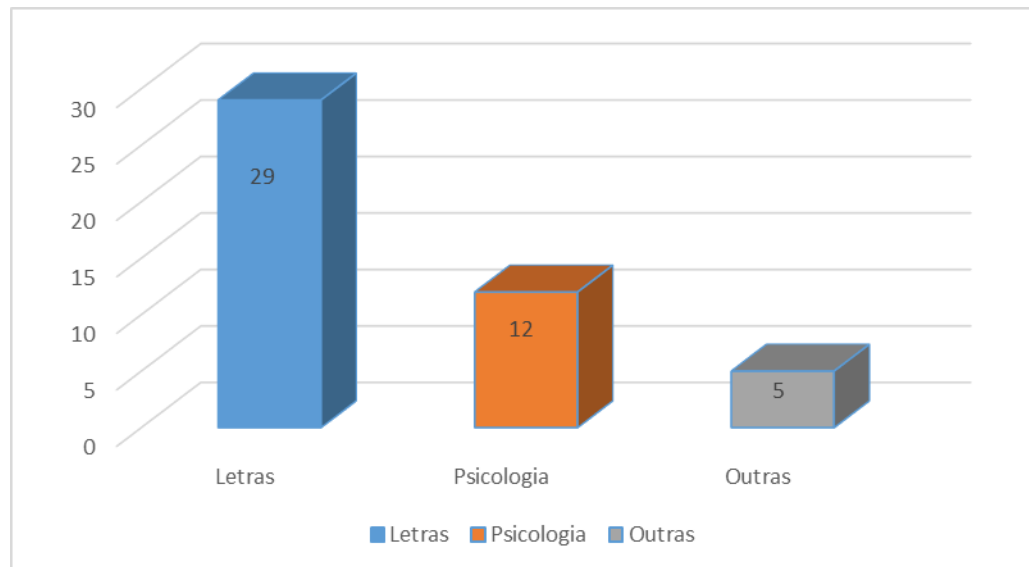
⁶ <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>

3.1.2 Análise quantitativa dos dados

As análises quantitativas foram feitas a partir de 3 abordagens: quantidade de publicações em cada da Área do Conhecimento, utilizando os critérios da Capes para definir quais são estas áreas; do ponto de vista temporal; e do ponto de vista regional, utilizando as seis regiões do Brasil.

Levando em conta a primeira abordagem, foi criado um gráfico que representa o número total de publicações em cada uma das áreas.

Gráfico 1 – Quantidade de publicações por Área do Conhecimento (2000-2016)



Elaboração do autor

No total foram localizadas e catalogadas 46 publicações. No Gráfico 1 pode-se verificar que dentro deste número levantado tem-se 29 itens vinculados à área de letras, 12 à área de psicologia e 5 a outras áreas do conhecimento. Dado que os Estudos da Tradução estão diluídos na macroárea de linguística, podemos inferir que parte dessas pesquisas é desenvolvida em diversos programas cujo foco é a tradução.

A segunda abordagem de análise era intrínseca à pesquisa, pois falamos em estado da arte. Sendo assim, a fotografia temporal que foi tirada, ressaltando que o lócus da pesquisa foi puramente acadêmico, gerou um segundo gráfico.

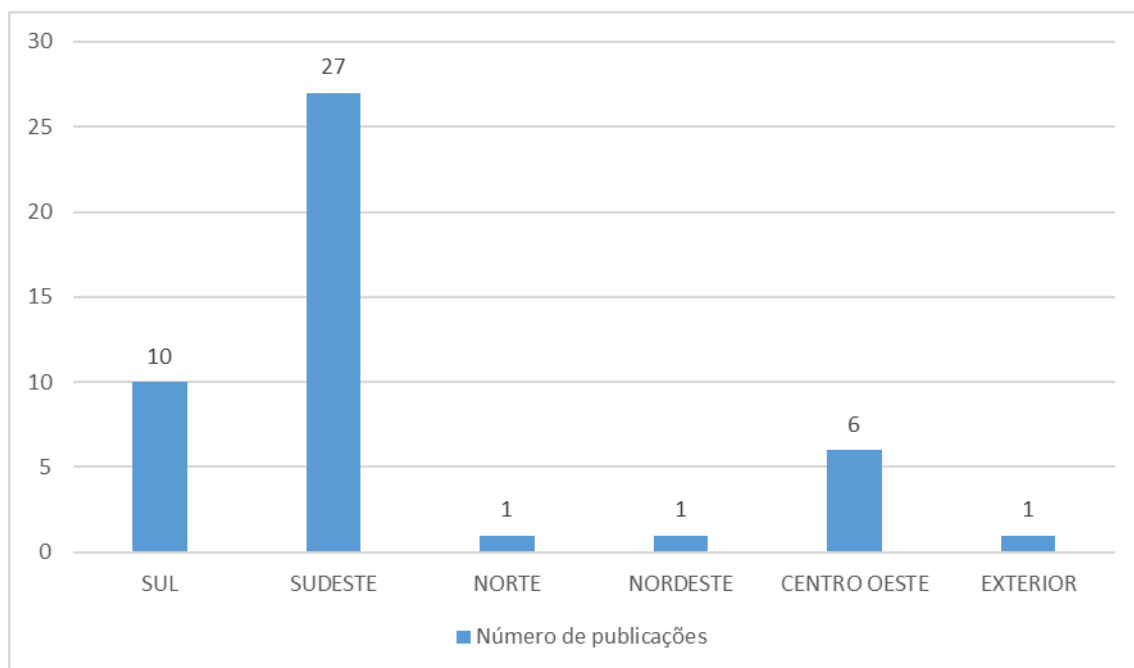
Gráfico 2 – Quantidade de publicações por ano (2000-2016)

Elaboração do autor

Como podemos observar no Gráfico 2, no ano 2000 teve o maior número de publicações. Dessa forma, poderia ser fortalecida a ideia de que com o centenário da obra inaugural da psicanálise houve um momento vigoroso nas pesquisas desta interface no âmbito universitário. No entanto, é notável que esse volume de publicações decrescesse a partir do ano 2001. Outro ponto que pode ser destacado é que no ano de 2009 até o ano de 2016 a média de publicações é maior do que a dos anos anteriores. Possivelmente devido à entrada em domínio público das obras de Freud.

Por fim, como um dos critérios de busca do material era territorial (os trabalhos deveriam ser originados de universidades brasileiras ou com colaboração de autores brasileiros), analisamos como as publicações estavam distribuídas no território brasileiro, tendo, assim, um panorama geral de produções por cada região brasileira.

Gráfico 3 – Quantidade de publicações por região (2000-2016)



Elaboração do autor

3.2 Análise qualitativa dos dados

Como anunciado, novas relações foram criadas com o trabalho de pesquisa realizado anteriormente. Sendo assim, levando em conta o *corpus* criado e as análises realizadas na pesquisa *Tradução e Psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000 – 2016* novas abordagens foram propostas e estão relatadas neste trabalho.

3.2.1 Proposta de agrupamento dos trabalhos

Uma discussão começa com um material para ser discutido, neste sentido as categorias que serão aqui apresentadas têm como incentivo uma questão propedêutica, ou seja, é uma proposta introdutória a uma avaliação mais profunda. Em primeiro lugar, utilizando a tabela produzida pelo projeto de iniciação científica, fez-se uma leitura de todos os resumos dos trabalhos catalogados e, a partir disto, foram criados três grandes grupos. São eles:

- Proposta de desconstrução e tradução – Trabalhos que pretendem mostrar uma visão diferente de certo objeto, utilizando a tradução e a psicanálise como lente desta nova visão. Desconstruindo conceitos;

- Tradução de textos psicanalíticos - Trabalhos que tratam de experiências, questões e relatos de traduções de textos psicanalíticos. Estão aqui incluídos trabalhos que tratam da terminologia psicanalítica e das estratégias de tradução;
- Discussão teórica da tradução e da psicanálise - Trabalhos que se utilizam das teorias da tradução e da psicanálise para propor uma discussão, os temas estão vinculados diretamente a uma destas duas áreas.

Cada um dos 46 trabalhos catalogados foi alocado em um destes grupos. A hipótese inicial era que o segundo grupo teria um número maior de trabalhos. Esta hipótese baseava-se na premissa de que a grande maioria dos trabalhos eram vinculados à área de letras, como pode ser verificado no Gráfico 1. E, de fato, o segundo grupo foi o que apresentou a maior quantidade de trabalhos, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 – Grupos criados a partir da leitura dos resumos

Proposta de desconstrução e tradução	13
Tradução de textos psicanalíticos	19
Discussão teórica da tradução e da psicanálise	14

Elaboração do autor

O grupo intitulado “Tradução de textos psicanalíticos” apresenta um número de trabalhos maior do que os outros. Isso poderia indicar que há uma necessidade de produzir discussões sobre a tradução deste tipo de textos, seja pelas características da sua terminologia, seja por elementos de ordem mais abrangente, como as discussões conceituais que permeiam a terminologia utilizada nas diferentes línguas. Sobre o primeiro ponto, Escalante (2015) problematiza a tendência de estabilizar a tradução do que ela prefere referir como vocabulário, tendo em vista que a psicanálise são as suas palavras, e nesse sentido, as discordâncias nas traduções de algumas noções-chaves para a psicanálise renovam as discussões nesse campo.

No entanto, como pode ser observado no Quadro 1, a diferença entre as categorias não é muito grande. Isso reforça a ideia de que tanto tradução quanto psicanálise são territórios

complexos que apresentam uma ampla gama de discussões possíveis, perpassando por diversas áreas do conhecimento.

Outro ponto que podemos assinalar é que os trabalhos que apresentam vinculação com áreas do conhecimento distinta de Letras ou Psicologia estão alocados, quase em totalidade, no segundo grupo. Dos 5 trabalhos catalogados que apresentam essa vinculação, 4 foram alocados no grupo “Tradução de textos psicanalíticos”. Já os trabalhos com vinculação na área da Psicologia estão diluídos nos três grupos, tendo sua maioria categorizada no grupo “Proposta de desconstrução e tradução”.

3.2.2 O termo “tradução” como metáfora

Uma questão que se fez presente no momento da busca foi a maneira como o termo tradução é empregado nas publicações encontradas. A abrangência metafórica com que é utilizado o vocábulo tradução foi um aspecto que surpreendeu de certa forma, e que nos levou a retirar vários dos trabalhos previamente selecionados. Sendo assim, os diferentes meios de se referir (ou de não se referir) ao campo da tradução, levanta uma problemática interessante.

Como relatado anteriormente, é possível verificar que Freud já utilizava o termo tradução de forma metafórica, acreditamos que este fator é um dos incentivos para que a aparição deste uso em muitos trabalhos.

3.2.3 Psicanálise na Universidade

O Gráfico 3 mostra o número de publicações por região do Brasil, é possível visualizar que a grande maioria dos trabalhos sejam oriundos da região Sudeste. A hipótese é que este fato acontece pelo maior fomento acadêmico na região, apresentando um investimento universitário maior.

Importante ressaltar que todos os trabalhos da região Centro Oeste são vinculados à Universidade de Brasília, sendo que dos seis trabalhos três são oriundos do curso de Letras Tradução Espanhol. Este fato pode indicar o campo das letras, especialmente a tradução,

como lócus de pesquisas que fazem o diálogo entre a tradução e a psicanálise, aponta para o que Lacan, na proposição de 9 de outubro de 1967, chama de psicanálise em extensão – a possibilidade de conexão da psicanálise com outros campos do saber cuja consequência é o enriquecimento recíproco.

Outro ponto a ser levantado é a histórica dificuldade da inserção da psicanálise no campo universitário. Em 1919 Freud já abordava a questão do ensino de psicanálise nas universidades. O texto intitulado *Deve-se ensinar psicanálise na universidade?* publicado primeiro em Budapeste, aponta argumentos sobre essa questão. Rey (2005) relata que o primeiro argumento de Freud é:

Para trabalhar as relações da psicanálise com a universidade é de que, apesar da “satisfação moral para todo analista”, o psicanalista pode prescindir da universidade. E mais, vai dizer ainda que as associações psicanalíticas “devem sua existência precisamente à exclusão de que a psicanálise foi objeto pela universidade” (2005, p. 49).

O autor ainda nos lembra que Freud aponta que a psicanálise não se limita às funções psíquicas patológicas, mas se preocupa também com a resolução de problemas artísticos, filosóficos ou religiosos, contribuindo com novas perspectivas e revelações de importância para a história da literatura, a mitologia, a história das culturas e a filosofia das religiões. Castro (2009, p. 3) relembra que Lacan adiciona ao currículo ideal sugerido por Freud conhecimentos como a retórica, a gramática e a poética. O analista deve ser um “letrado” sustenta Lacan.

Para Rey (2005), nas universidades públicas existe uma tradição de inserção da psicanálise, principalmente na pós-graduação. Por mais que seja interessante que os estudos psicanalíticos estejam presentes nas universidades, assim como a tradução, o campo sempre estará em desenvolvimento. Martinez (2017) aponta que Alfredo Eidelsztein em uma entrevista ressalta:

Não existe só uma forma de fazer psicanálise, no sentido de que seja única, exclusiva. Menos ainda existe uma forma privilegiada, todas as que existiram foram caindo fortemente em um grande descrédito, em grande fracasso, pois foram mal elaboradas. É errado supor que existe uma fórmula quando isto não é o certo, ao menos para mim. [...] Como se forma um analista? Esta é uma pergunta parecida com a de com ser filósofo ou como ser cientista. Como se forma um filósofo? Como se forma um cientista? Ou, como se forma um guitarrista? Existem coisas que não

são taxativas, para mim não é um caminho com uma meta fixa (MARTÍNEZ, 2017)⁷.

Lendo esta citação podemos visualizar a proximidade que a psicanálise tem com a tradução. Os dois campos não apresentam formas categóricas de serem conduzidos, mas caminhos que possivelmente levam a uma boa prática do ofício. E é por esse fato, e pela característica interdisciplinar dos dois campos, que o diálogo entre a tradução e a psicanálise se torna tão rico e interessante.

⁷ A citação foi traduzida pelo autor deste trabalho, segue citação original: No hay una forma de hacerse psicoanalista, en sentido que sea única, exclusiva, tampoco hay una fórmula privilegiada, todas las que hubo han caído fuertemente en un gran descredito, un gran fracaso, porque estuvieron mal planteadas, es erróneo suponer que hay una fórmula cuando no es cierto, por lo menos para mí. [...] Para mí ¿en qué radica hacerse analista? es una pregunta parecida a la de ser filósofo o la de ser científico. ¿Cómo se hace un científico? o ¿Cómo se hace un filósofo? o ¿cómo se hace igualmente un guitarrista?, hay cosas que no son estandarizables, para mí no es un camino con una meta fija

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o mapeamento bibliográfico da pesquisa *Tradução e Psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000 – 2016* é possível fazer muitas análises, algumas delas foram realizadas aqui neste trabalho. Ademais, pôde-se comprovar a existência de um diálogo entre a tradução e a psicanálise no âmbito acadêmico brasileiro. Porém, é importante ressaltar que, pelo escopo acadêmico da pesquisa, muito material ficou de fora do *corpus* e, sendo assim, das análises. Levando isto em conta, deve-se considerar a necessidade de ampliar a busca com a incorporação de fontes documentais, haja vista que tradução e psicanálise apresentam, especialmente no caso da psicanálise, um amplo desenvolvimento fora do território universitário, como foi comentado no corpo deste estudo.

Outro ponto que merece atenção é a questão que aponta um novo caminho de relação entre a tradução e a psicanálise, o qual pensa o tradutor como função, da mesma maneira que o analista se coloca. Este caminho pode ser interessante para novas perspectivas em ambas as áreas.

Neste estudo utilizamos muitos comentadores de Lacan, Freud e Peirce, para uma abordagem mais madura, e mais completa, acreditamos que citações diretas desses autores poderiam enriquecer ainda mais este trabalho. A ideia é continuar trabalhando esta interlocução de áreas e, a partir da experiência deste estudo, continuar desenvolvendo questões que aqui foram abertas, além de sempre tentar propor novos possíveis desdobramentos, novas questões. Neste sentido, ressaltamos que o diálogo proposto neste estudo propõe trazer a algumas questões sobre a tradução e sobre a psicanálise, pois acreditamos que com a troca entre as áreas, a superação de obstáculos epistemológicos seja mais facilmente alcançada.

REFERÊNCIAS

BACHELAR, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BERMAN, A. A tradução e seus discursos. **Alea: estudos neolatinos**, v.11, n.2, 2009.

BORGES, J. L. Las versiones homéricas. *In*: _____. **Discusión**: obras completas. Buenos Aires: Emecé, p. 94-99, 1985.

CASTRO, J.-C. O inconsciente como linguagem: de Freud a Lacan. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 7, n. 1, 2009.

DERRIDA, J. **Torre de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. **Gramatologia**. São Paulo: Editora perspectiva, 1973.

EIDELSZTEIN, A. **Otro Lacan. Estudio crítico de los fundamentos del psicoanálisis**. Buenos Aires: Letra Viva, 2015.

ESCALANTE, A. Psicoanálisis traducido y en vías de traducción. **Mutatis Mutandis**, v. 10, n.2, p. 229-254, 2017.

_____. **Semejantes extraños**: traducción comentada de O sujeito e seu texto, de Teresa Palazzo Nazar. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

ESTRIN, D. **Lacan día por día**: los nombres propios en los seminarios de Jacques Lacan. Buenos Aires: Pieatierra, 2002.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Trad. Vera Ribeiro. *In*: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.

_____. **O Seminário – Livro 3- As psicoses**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988.

MACHADO, B. F. V. Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística e psicanálise. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 271-286, 2011

_____. Benveniste, Lacan e o estruturalismo: sobre o sentido antitético das palavras primitivas. **Alfa**, Sao Paulo, v. 59, n. 1, p. 11-27, 2015

MARTINEZ, J. M. Entrevista a Alfredo Eidelsztein. **Psicoanálisis y filosofía**, 2017. Disponível em: <<https://psicoanalisisyfilosofia.wordpress.com/2017/02/11/entrevista-a-alfredo-eidelsztein/>>.

OLIVEIRA, J. B. O inconsciente lacaniano. **Psicanálise & Barroco**, v. 10, n. 1, p. 109-120, 2012.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M.-L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **D.E.L.T.A.**, v. 19, 2003.

REY, S. O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo? *In*: NUNES, O. A. W.; RILHO, V. (Ed.). Onde fala um analista. **Revista Da Associação Psicanalítica De Porto Alegre**, n. 29, p. 48-56, 2005.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SANTOS, I. O. Freud e a linguagem. **Todas as letras**, v. 14, n. 1, p. 145-153, 2012.

SEVERO, R. T. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. **Entretextos**, Lodrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, 2013.

TAVARES, P. H.; COSTA, W. C.; PAULA, M. B. **Tradução & psicanálise**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

WANNER, M.-C. A. Uma reflexão sobre a filosofia de C. S. Peirce. *In*: _____. **Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2010.

¿CÓMO OPERAMOS con el material de la sesión? Produção: Juan Manuel Martínez. Vídeo aula. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VTGFqS09IUY>>.

LA SEMIÓTICA de C.S. Peirce. Produção: Darin McNabb. Vídeo aula. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WXptyWLJT14>>.

APÊNDICE A - Agrupamento dos trabalhos a partir da leitura dos resumos

Proposta de desconstrução e tradução

1. Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções;
2. Tradução, Capitalismo, Psicanálise;
3. O jogo da leitura e da escrita no ensino-aprendizagem da língua estrangeira;
4. "Suzana e os velhos": sedução, trauma e sofrimento psíquico;
5. A fantasia inconsciente como metatradução: o psiquismo ligado e desligado
6. O trauma de tortura sob a ótica da teoria da sedução generalizada: vivências do Período civil-militar brasileiro (1964-1985);
7. My house não é sua casa: as fronteiras da escuta na clínica psicanalítica;
8. Chapeuzinho Vermelho no Divã;
9. A gramática de Damourette e Pichon com Lacan: uma problemática da enunciação;
10. O que é uma tradução "relevante"?
11. Existiria uma "semiologia psicanalítica" em Lacan?;
12. Linguagem e interdisciplinaridade;
13. Sedução, tradução e cura.

Tradução de textos psicanalíticos

1. O vocabulário metapsicológico de Sigmund Freud: da língua alemã às suas traduções;
2. Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930;
3. A língua de Orion: surpresas e dificuldades na tradução de L'enfant bleu de Henry Bauchau;
4. Tradução de textos psicanalíticos por tradutores leigos na área: um estudo de caso;
5. Análise contrastiva espanhol x português de termos da psicanálise – um estudo baseado em corpora com enfoque na tradução;
6. Sobre as Traduções da Obra de Wilhelm Reich para o Português;
7. As retraduições de Trauer und Melancholie para o português: o léxico freudiano sob o olhar da Linguística de Corpus;
8. Cada Vez Menos Leiga Em Psicanálise: Uma Tradução Comentada De El Grafo Del Deseo De Alfredo Eidelsztein;
9. Memória de tradução. É possível construir uma memória eletrônica para a psicanálise lacaniana?;
10. A Comunicação Preliminar entre Breuer e Freud: uma tradução comentada;

11. Obras incompletas de Sigmund Freud. Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico, tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 172 p.;
12. Novas pesquisas de tradução e a atualidade científica de Freud;
13. Comentário sobre a tradução de Paulo César Souza das obras completas de Sigmund Freud;
14. Erros e lapsos de tradução: um tema para o ensino;
15. Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb;
16. A noção de das Ding em Jacques Lacan;
17. Literatura e psicanálise: O impossível do real e os possíveis na tradução do poético;
18. Como forjar um arpão: uma crítica de duas traduções de moby dick à luz de Lacan;
19. Jacques Derrida, o intraduzível.

Discussão teórica tradução e psicanálise

1. A relação da tradução com a escrita em Psicanálise;
2. A singularidade na escrita tradutora. Linguagem e subjetividade nos estudos de tradução, lingüística e psicanálise;
3. Eu - a psicanálise: introdução à tradução A casca e o núcleo;
4. Tradução como uma relação de amor;
5. A Suspeita em Freud: o estatuto da interpretação em psicanálise;
6. Traduções subjetivas acerca do discurso da inclusão;
7. O bilinguismo do tradutor;
8. Linguagem no Discurso de Roma: programa de leitura da psicanálise;
9. Tradução & psicanálise – um encontro a convite de Freud;
10. A tradução e seus discursos;
11. Flusser com Freud: Tradução, Sujeito e Cultura;
12. Tradução como prática e crítica de uma razão relacional;
13. Traduções e travessias: possibilidades do (re)encontro com o outro;
14. O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida.

ANEXO A - Tabela produzida na pesquisa “Tradução e Psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000 – 2016”

	Publicação	Autor	Palavras-chaves	Data	Vinculação	Palavras-chaves (usadas)	Região	Frequência (Tradução; Psicanálise)
1	A relação da tradução com a escrita em Psicanálise	Maria Rita Salzano Moraes	Tradução; psicanálise; sentido; escrita; literal.	2011	Tradução & Comunidade: revista brasileira de tradutores.	Tradução Psicanálise	Centro Universitário Anhanguera de São Paulo	T:96 P:20
2	A singularidade na escrita tradutora. Linguagem e subjetividade nos estudos de tradução, lingüística e psicanálise.	Maria Paula Frota	-	2000	Tese (doutorado) - Unicamp	Tradução Psicanálise	Unicamp	T: P:
3	Eu - a psicanálise: introdução à tradução A casca e o núcleo	Jacques Derrida. Tradução de: Maria José R. Faria Coracin	Tradução anassêmica; Nicolas Abraham; psicanálise; fenomenologia.	2000	Alfa : Revista de Linguística.	Tradução Psicanálise	UNESP	T:26 P:10
4	O vocabulário metapsicológico de Sigmund Freud: da língua alemã às suas traduções	Pedro Heliodoro M. B. Tavares	Vocabulário de Freud; Traduções de Freud; Freud e a língua alemã; Tradução e Psicanálise.	2012	Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos, v. 15, n. 20.	Tradução Psicanálise	USP	T:31 P:18
5	Tradução como uma relação de amor	Maria Paula Frota	Tradução; psicanálise; relação de amor; relação sexual.	2000	Alfa : Revista de Linguística	Tradução Psicanálise	UNESP	T:11 P:9
6	Feminismo, psicanálise,	Mara Coelho de Souza Lago	teorias; feminismo; gênero; psicanálise.	2010	Revista Estudos Feministas -	Tradução Psicanálise	Santa Catarina	T:19 P:92

	gênero: viagens e traduções				Universidade Federal de Santa Catarina			
7	A Suspeita em Freud: o estatuto da interpretação em psicanálise	Tiago Ribeiro Nunes; Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira; Wesley Godoi Peres .	Psicanálise; interpretação; falha	2009	Psico, v. 40, n. 4 – Universidade Católica do Rio Grande do Sul.	Tradução Psicanálise	Rio Grande do Sul.	T:4 P:23
8	Tradução, Capitalismo, Psicanálise	Nils Goran Skare	tradução; capitalismo; psicanálise; Lacan; discurso	2013	Cadernos de Tradução - UFSC	Tradução Psicanálise	UFSC	T:39 P:14
9	O jogo da leitura e da escrita no ensino-aprendizagem da língua estrangeira	Francisco de Fátima da SILVA	Ensino de língua estrangeira; leitura; escrita; desconstrução.	2003	Alfa : Revista de Linguística	Tradução Psicanálise	UNESP	T:13 P:1
10	"Suzana e os velhos": sedução, trauma e sofrimento psíquico	MARTINEZ, Viviana Carola Velasco	Teoria da sedução generalizada; psicanálise e arte; bíblia.	2012	Psicologia em estudo - Departamento de Psicologia - Universidade Estadual de Maringá	Tradução Psicanálise		T:37 P:5
11	A fantasia inconsciente como metatradução: o psiquismo ligado e desligado	Viviana Carola Velasco Martinez; Juliana Baracat.	Teoria da Sedução Generalizada; psicanálise e literatura; sofrimento.	2012	Psicologia em estudo - Departamento de Psicologia - Universidade Estadual de Maringá	Tradução Psicanálise		T:65 P:7

12	Traduções subjetivas acerca do discurso da inclusão	Juliana Santana Cavallari	Inclusão; subjetividade; tradução; alteridade.	2011	Tradução & Comunidade: revista brasileira de tradutores.	Tradução Psicanálise	Centro Universitário Anhanguera de São Paulo	T:47 P:12
13	O bilinguismo do tradutor	Angela Jesuino Ferretto	bilinguismo do tradutor; posição subjetiva; letra; voz; psicanálise.	2009	Alea : estudos neolatinos - Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras -UFRJ	Tradução Psicanálise	UFRJ	T:21 P:4
14	Linguagem no Discurso de Roma: programa de leitura da psicanálise	Léa Silveira Sales	epistemologia da psicanálise; psicanálise lacaniana; linguagem; fala.	2004	Psicologia: teoria e pesquisa - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.	Tradução Psicanálise	UnB	T:2 P:41
15	Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930	Rafael Dias de Castro	história da psicanálise; história da psiquiatria; Rio de Janeiro; Julio Porto-Carrero (1887-1937); Arthur Ramos (1903-1949).	2015	História, ciências, saúde- Manguinhos - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz	Tradução Psicanálise	RJ	T:18 P:76
16	O trauma de tortura sob a ótica da teoria	Renan Martimiano Vieira;	trauma; tortura; ditadura civil-militar brasileira; narrativas testemunhais;	2015	Revista Subjetividades, Fortaleza, 15(2).	Tradução Psicanálise	Fortaleza	T:26 P:12

	Da sedução generalizada: vivências do Período civil-militar brasileiro (1964-1985)	Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.	teoria da sedução generalizada.					
17	A língua de Orion: surpresas e dificuldades na tradução de L'enfant bleu de Henry Bauchau	Caio Leal Messias	Henry Bauchau; Tradução; L'enfant bleu; Psicanálise	2016	Manuscrita, n. 31.	Tradução Psicanálise	SP	T:48 P:4
18	My house não é sua casa: as fronteiras da escuta Na clínica psicanalítica	BRUNA JÉSSICA DRÂNSFELD	Escuta psicanalítica. Estrangeiro. Língua. Técnica. Ética.	2016	Monografia, curso de graduação em Psicologia – UNIJUÍ.	Tradução Psicanálise	IJUÍ, Rio Grande do Sul.	T:43 P:60
19	Chapeuzinho Vermelho no Divã	Ivan Vale de Sousa	Contos de fadas. Charles Perrault. Psicanálise. Formação leitora.	2016	Letras escreve, v. 6, n. 1.	Tradução Psicanálise	Macapá	T:7 P:11
20	Tradução de textos psicanalíticos por Tradutores leigos na área: um estudo de caso	ADRIELY MANGABEIRA DOS SANTOS	Tradução; psicanálise; Estudos do Tradutor; estudo de caso	2016	Monografia, curso de graduação em Letras Tradução – UnB.	Tradução Psicanálise	Brasília	T:131 P:29
21	Análise contrastiva espanhol x português de termos da psicanálise – um estudo baseado Em corporacom enfoque na	Ana Rachel Salgado	Tradução, terminologia, texto especializado, linguística de corpus, espanhol, português	2016	Blucher Proceedings, v. 2, n. 3, 2016.	Tradução Psicanálise	SP	T:61 P:21

	tradução							
22	Tradução & psicanálise – um encontro a convite de Freud	Maria Paula Frota		2015	Tradução &: perspectivas teóricas e práticas	Tradução Psicanálise	SP	T:122 P:64
23	A gramática de Damourette e Pichon com Lacan: uma problemática da enunciação	Bruno Focas Vieira Machado	Sujeito. Enunciação. Linguagem. Inconsciente. Negação.	2012	Alfa: Revista de Linguística.	Tradução Psicanálise	SP	T:5 P:12
24	A tradução e seus discursos	Antoine Berman	tradução; Antoine Berman; tradutologia.	2009	Alea: Estudos Neolatinos	Tradução Psicanálise	RJ	T:132 P:4
25	Sobre as Traduções da Obra de Wilhelm Reich para o Português	Sara Q. Matthiesen	Wilhelm Reich; tradução; obra reichiana.	2010	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Tradução Psicanálise		T:27 P:4
26	As retraduações de Trauer und Melancholie para o português: o léxico freudiano sob o olhar da Linguística de Corpus	Rozane R. Rebechi; Marlene D. Andretto	retradução; Trauer und Melancholie; terminologia; Freud; Linguística de Corpus	2015	Pandaemonium Germanicum. 18, n. 26.	Tradução Psicanálise	SP	T:88 P:28
27	O que é uma tradução "relevante"?	Jacques Derrida. Tradução de: Olivia and Niemeyer Santos	Relevante; tradução; dívida; Shylock; perda.	2000	Alfa: Revista de Linguística	Tradução Psicanálise	SP	T:169 P:1
28	Existiria uma "semiologia psicanalítica" em Lacan?	Victor Eduardo Silva Bento	Lacan, semiologia, psicanálise.	2007	Revista Aletheia. 25	Tradução Psicanálise	SP	T:4 P: 9

29	Linguagem e interdisciplinaridade	José Luiz Fiorin	lingüística; estudos literários; interdisciplinaridade; multidisciplinaridade; transdisciplinaridade.	2008	Alea: Estudos Neolatinos	Tradução Psicanálise	SP	T:4 P:10
30	Cada Vez Menos Leiga Em Psicanálise: Uma Tradução Comentada De El Grafo Del Deseo De Alfredo Eidelsztein	Nayara de Farias Souza	Tradução; psicanálise; El Grafo del Deseo; comentário.	2016	BDM:UnB	Tradução Psicanálise	UnB	T:120 P:150
31	Memória de tradução. É possível construir uma memória eletrônica para a psicanálise lacaniana?	Hebertt De Almeida Vasconcelos Vale	Memória de tradução. Wordfast. Psicanálise Lacaniana. El Grafo del Deseo.	2016	BDM:UnB	Tradução Psicanálise	UnB	T:123 P:39
32	Flusser com Freud: Tradução, Sujeito e Cultura	Pedro Heliodoro Tavares	Sigmund Freud; Vilém Flusser; Mal-estar na cultura; Tradução; subjetividade	2014	Pandaemonium, São Paulo, v. 17, n. 23.	Freud tradução	USP	T:29 P:9
33	A Comunicação Preliminar entre Breuer e Freud: uma tradução comentada	Tradução - André Medina Carone	Freud, Breuer, Comunicação Preliminar, Tradução	2012	Pandaemonium, São Paulo, v. 15, n. 20	Freud tradução	USP	T:12 P:3
34	Obras incompletas de Sigmund Freud. Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico,	Maria Rita Salzano Moraes	Freud; Tradução; Resenha	2014	Cadernos de Tradução, n. 33.	Freud tradução	UFSC	T:7 P:1

	tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 172 p.							
35	Novas pesquisas de tradução e a atualidade científica de Freud	Luiz Alberto Hanns	novas traduções de Freud; teoria das pulsões, terminologia freudiana	2011	Panace@. Vol. XII, n. 34.	Freud tradução	Newburgh, New York	T:31 P:10
36	Comentário sobre a tradução de Paulo César Souza das obras completas de Sigmund Freud	Betty Bernardo Fuks		2011	Rev. latinoam. psicopatol. fundam. vol.14 no.3	Freud tradução	PUC-SP	T:15 P:11
37	Erros e lapsos de tradução: um tema para o ensino	Maria Paula Frota	erro em tradução, binariedade, não-binariedade, lapsos, inconsciente.	2006	Cadernos de tradução, v. 1, n. 17.	Freud tradução	ufsc	T:38 P:7
38	Sedução, tradução e cura	Ronaldo Monte Almeida	sedução, tradução, cura.	2000	Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 3, n. 2.	Freud tradução	UFRJ	T:34 P:3
39	Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb	Gilberto Gomes	pulsão; instinto; Freud, metapsicologia.	2001	Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 17, n. 3.	Freud tradução	UnB	T:14 P:14
40	A noção de das Ding em Jacques Lacan	Ariana Lucero	das Ding; Lacan; Projeto; Outro; Vorstellungsrepräsentanz.	2009	Psicologia Clínica, v. 21, n. 2.	Freud tradução	PUC-RJ	T:3 P:8

41	Literatura e psicanálise: O impossível do real E os possíveis na tradução do poético	Marilene Ferreira Cambeiro		2016	II CiFEFiL	Freud tradução	Rio de Janeiro	T:55 P:7
42	Tradução como prática e crítica de uma Razão relacional	Mauricio Mendonça Cardozo	Tradução e alteridade. Relação. Razão relacional. Poiesis	2014	Cadernos de Tradução	Tradução Alteridade	UFSC	T:122 P: 2
43	Como forjar um arpão: Uma crítica de duas traduções de moby dick à Luz de lacan	Nils Goran Skare	Moby Dick, crítica de tradução, nó borromeano, alegoria, alteridade.	2011	Cadernos de Tradução	Tradução Alteridade	ufsc	T: 48 P: 2
44	Traduções e travessias: possibilidades do (re)encontro com o outro	Mériti de Souza; Fernando Aguiar	Diferença, identidade, tradução, tragédia.	2009	Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica	Tradução Alteridade	UFRj	T:10 P: 1
45	Jacques derrida, o intraduzível	Marcos SISCAR	Desconstrução; Jacques Derrida; tradução; textualidade; ética.	2000	Alfa	Tradução Alteridade	UNESP	T: 77 P: 2
46	O decálogo da desconstrução: Tradução e desconstrução na obra De jacques derrida	Érica LIMA; Marcos SISCAR	Desconstrução; Jacques Derrida; tradução; métodos críticos.	2000	Alfa	Tradução Alteridade	UNESP	T:55 P: 1